
EDUCAÇÃO, CULTURA E DESENVOLVIMENTO SOCIAL: PERSPECTIVAS INTERDISCIPLINARES*

DOI 10.18224/frag.v30i4.8619

IVONETE BARRETO DE AMORIM**
SELMA BARROS DALTRO DE CASTRO***

O dossiê ora apresentado encontra-se diretamente ancorado às pesquisas de professores-pesquisadores e mestrandos/as com seus respectivos orientadores/as, de instituições de ensino superior de diferentes regiões do Território Nacional, com a finalidade de oportunizar reflexões e divulgação de investigações que problematizam questões oriundas e/ou vinculadas na relação entre educação, cultura e desenvolvimento social, revelando, de forma propositiva, interfaces com diferentes contextos e áreas de estudos.

Na contemporaneidade, quando pensamos nos termos educação, cultura e desenvolvimento social, é inevitável associarmos às relações polissêmicas que estes termos têm no campo conceitual, os quais comunicam disputas, tensões, assim como algumas cooperações e/ou diálogos fecundos. No entanto, tem-se questionado sobre os fenômenos e suas implicações com os fatores sociais, políticos, econômicos e culturais, que se apresentam de forma complexa, suscitando acionarmos perspectivas interdisciplinares.

Com efeito, algumas pesquisas têm sinalizado a necessidade de pensarmos sob a lógica da complexidade em que os fenômenos investigados estão imersos, sugestionando o

* Recebido em: 12.10.2020. Aprovado em: 12.10.2020.

** Pós-doutora em Educação e Contemporaneidade pelo Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade (PPGEduC) da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Doutora em Família na Sociedade Contemporânea pelo Programa de Pós-Graduação em Família na Sociedade Contemporânea da Universidade Católica do Salvador (UCSal). Mestre em Educação e Contemporaneidade pelo PPGEduC/UNEB. Professora adjunta da UNEB, campus XI. Professora permanente, orientadora e vice-coordenadora do Mestrado Profissional em Intervenção Educativa e Social (MPIES) da UNEB, campus XI. Líder do grupo de pesquisa Educação, Políticas Públicas e Desenvolvimento Social (Epods/UNEB). *E-mail:* ebamorim@uneb.br

*** Pós-doutora em Educação pela Universidade Estadual de Feira de Santana. Doutora e mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Professora adjunta da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), campus XI – Serrinha. Professora e orientadora do Mestrado Profissional em Intervenção Educativa e Social (MPIES) da UNEB. Vice-líder do grupo de pesquisa Educação, Políticas Públicas e Desenvolvimento Social (Epods), na UNEB – campus XI. *E-mail:* scastro@uneb.br

rompimento com concepções linearizadas e sectárias acerca das pesquisas oriundas e/ou vinculadas na relação entre diferentes áreas, perspectivando interfaces de estudos e da compreensão acerca da construção do conhecimento como ato político e libertador.

Não obstante, é oportuno ressaltar que para Freire a educação ultrapassa a concepção bancária de aquisição de conhecimento, quando sustenta uma noção da educação como prática de liberdade, compreendida como “[...] um processo pelo qual o educador convida os educandos a reconhecer e desvelar a realidade criticamente [...] não há sujeitos que libertam e objetos que são libertados, já que não há dicotomia entre sujeito e objeto” (FREIRE, 2008, p. 125). Nesse sentido, Freire critica veementemente uma educação que não permite que estudantes e professores dialoguem, problematizem questões, com vistas a construir conhecimento na horizontalidade das relações com o mundo, rompendo dessa forma com a consciência ingênua sobre os processos que envolvem o ensinar e o aprender. Afinal, aprendemos sempre uns com outros ou como assevera Freire

[...] o diálogo é o encontro entre os homens, mediatizados pelo mundo, para designá-lo. Se, ao dizer suas palavras, ao chamar ao mundo, os homens o transformam, o diálogo impõe-se como o caminho pelo qual os homens encontram seu significado enquanto homens, o diálogo é, pois, uma necessidade existencial (FREIRE, 1980, p. 82).

O diálogo se apresenta como forma de transformação social, pois este estabelece um processo de encontro entre os sujeitos de um processo educativo de forma visceral que vai desde implicação do homem e da mulher com/no contexto de determinada realidade e suas demandas. Com efeito, educação numa perspectiva freiriana instiga a mudança de postura diante da realidade apresentada. Ocorre que

no momento em que os indivíduos, atuando e refletindo, são capazes de perceber o condicionamento de sua percepção pela estrutura em que se encontram, sua percepção muda, embora isso não signifique, ainda, a mudança da estrutura. Mas a mudança da percepção da realidade, que antes era vista como algo imutável, significa para os indivíduos vê-la como realmente é: uma realidade histórico-cultural, humana, criada pelos homens e que pode ser transformada por eles (FREIRE, 2016, p. 66).

Reitera-se que educação, cultura estão de fato imbricadas, sobretudo, quando tentamos interpretá-la é possível descortinar “[...] a cultura como sendo [...] teias e a sua análise; portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado [...]” (GEERTZ, 2008, p. 4). Posto isto, pode-se afirmar que cultura é permeada, emaranhada de significados tecidos por muitos elos, sobre os quais não cabem seguir normativas classificatórias de sua importância, face a possibilidade pulsante que lhe rege, representativa dos seus significados de forma constante.

Corroborando com esta perspectiva Hall (1997, p. 16) assevera que

Os seres humanos são seres interpretativos, instituidores de sentido. A ação social é significativa tanto para aqueles que a praticam quanto para os que a observam: não em si mesma mas em razão dos muitos e variados sistemas de significado que os seres humanos

utilizam para definir o que significam as coisas e para codificar, organizar e regular sua conduta uns em relação aos outros.

Essas perspectivas de significados imprimem sentidos às nossas percepções e ações diante de si e de outrem, no âmbito do contexto social historicamente situado e nas interfaces com outros, colaborando dessa forma para entendermos, interpretarmos e expressarmos as práticas sociais que nos representam. Destarte, é oportuno salientar que “toda ação social é “cultural”, que todas as práticas sociais expressam ou comunicam um significado e, neste sentido, são práticas de significação” (HALL, 1997, p. 16). É dessa forma que nossas identidades sociais são construídas, ou seja, no âmbito das representações que temos em consonância com cultura.

Portanto, o campo da pesquisa em diferentes áreas do conhecimento pode ampliar suas perspectivas de interfaces à medida que tecem juntos de forma dialogada e colaborativa a complexidade das diversas realidades contextuais.

Referências

- FREIRE, Paulo. *Educação e mudança*. 37. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.
- FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. 31. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008.
- FREIRE, Paulo. *Conscientização: teoria e prática da libertação – uma introdução ao pensamento de Paulo Freire*. 4. ed. São Paulo: Moraes, 1980.
- GEERTZ, Clifford. A interpretação das culturas. In: Geertz, Clifford. *Uma Descrição Densa: por uma Teoria Interpretativa da Cultura*. 1. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2008. p. 3-21.
- HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. *Revista Educação e Realidade*. Porto Alegre, v. 22, n. 2, jul./dez. 1997. p. 15-46.